

Midiatização e a escola: contribuições para pesquisas que propõem a abordagem das mídias em sala de aula¹

Larissa Fernanda Domingues ROSSETO²
Universidade Estadual Paulista-Unesp, Marília, SP

Resumo

O trabalho com o conteúdo e a linguagem dos meios de comunicação em espaços formais de educação é uma necessidade que se impõe ao professor, porém para a qual ele não tem formação. Dentro do campo da interface comunicação e educação, estão sendo desenvolvidas uma infinidade de propostas para o trabalho em sala de aula. Embora não haja um consenso sobre a abordagem mais eficiente, é importante que os estudos nessa área se pautem por uma vigilância epistemológica e metódica que considerem a voz do outro e as condições nas quais são produzidos os enunciados dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesse sentido, autores como Bordieu e do Círculo de Bakhtin têm contribuições importantes.

Palavras-chave: interface; comunicação; educação; contribuições epistemológicas

Por uma série de fatores, que dizem respeito à formação do docente, à forma como a escola se estruturou como instituição transmissora do saber, e ao processo de desenvolvimento e sedimentação dos meios de comunicação no país, é notória a dificuldade que os professores têm em trabalhar com o conteúdo e a linguagem das mídias nos espaços formais de educação, de forma a gerarem um ensino dialógico, tendo como finalidade produzir conhecimento.

O termo dialógico é emprestado da pedagogia de Paulo Freire para designar a aprendizagem que se baseia em um diálogo em que educadores e educandos aprendem juntos, uma vez que ambos são “fazedores de cultura”, pois detêm um repertório cultural igualmente rico a ser compartilhado. Freire questiona a educação bancária, que concebe o professor como o único detentor do saber (1982).

Na contemporaneidade, o saber está disperso e ao acesso de quem consome as informações veiculadas pelos suportes midiáticos. A sociedade vive sob o efeito socializador dos meios

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, Unesp/Marília, email: larissa_rosseto@yahoo.com.br.

de comunicação. Sodré define esse fenômeno como midiaticização, resultado da relação entre a mídia e as instituições sociais:

Por midiaticização, entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiaticização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sócio-cultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2007, p. 17).

Embora os suportes e textos midiáticos tenham papel fundamental na formação das novas gerações, eles são sistematicamente silenciados nos espaços formais e educação. Podem ser considerados exceções os educadores que se dedicam a trabalhar com os meios de comunicação na escola. Quando o fazem, a mídia tende a ser reduzida a aspectos meramente instrumentais, sendo usada como amplificadora da voz do educador, reforçando o diálogo normalmente unidirecional travado entre ele e os educandos.

Uma forma de incorporar as experiências trazidas pelos alunos no processo de aprendizagem é abordar os conteúdos de mídia, trazidos pelos suportes digitais, presentes de maneira irrevogável em nossas vidas, especialmente no cotidiano dos adolescentes.

A possibilidade de se converter qualquer tipo de dados (som, imagem, textos, gráficos) em códigos binários, processo este que define a digitalização, marca a mudança de uma era em que saímos do mundo dos átomos para o mundo dos bytes (NEGROPONTE, 1995). A digitalização ampliou o acesso aos conteúdos informacionais, antes restritos a pequenos grupos centralizadores, facilitou a veiculação/publicação de conteúdos gerados por qualquer usuário que esteja conectado à internet, além de transformar a forma como nos relacionamos em todos os níveis.

O fato de nos conectarmos pela rede mundial de computadores, suprimindo as noções de tempo e de espaço, e de nos relacionarmos em redes sociais, tal como o *Facebook* proporciona, delimitam esse cenário novo aberto pelas mídias digitais, que não pode ser ignorado em sala de aula como força-motriz de um “ensino gerador de possibilidades criativas de conhecimento”, conforme expressa Muniz Sodré (2012).

Todavia, ainda que os suportes digitais tenham democratizado o acesso à informação, não há uma garantia de acesso a uma pluralidade maior de conteúdos. Zanchetta faz essa ressalva ao se referir aos grandes conglomerados de mídia como circuitos:

Cada circuito midiático, por sua vez, comunica-se com outros circuitos, para produção, difusão e comentário/ desdobramento de matérias jornalísticas. Mas tal situação difere do senso comum, de que é enorme a disponibilidade de informação na web, algo que confere liberdade ao leitor, para construir seus próprios roteiros, a partir de critérios individuais". (2012, posição 312 de 3835, de e-book).

Há uma ampliação da base de divulgação em diferentes suportes e formatos, porém dos mesmos conteúdos. Por isso, a leitura dos meios, bem como a apropriação da linguagem dos suportes midiáticos, para a produção de conteúdos, podem abrir portas para que os próprios sujeitos do processo educacional contribuam com a pluralidade de informações veiculadas, na medida em que trazerem à tona temas de relevância para a comunidade da qual fazem parte - pautas muitas vezes silenciadas pelo agendamento dos meios de comunicação de grande circulação.

Dentro dessa perspectiva, é possível trabalhar com diferentes propostas de abordagem do conteúdo e da linguagem dos meios de comunicação em espaços formais de educação, notadamente na Educação Básica de ensino público. Para título de exemplificação, destacamos dois pólos: uma abordagem mais ligada às práticas convencionadas pela escola, chamada de leitura crítica das mídias (ZANCHETTA, 2012) e outra mais alinhada com as práticas comunicacionais, a apropriação da linguagem dos meios de comunicação, abordagem consagrada pela educomunicação (SOARES, 1999).

O objetivo de ambas é investigar as possibilidades que a leitura das mídias oferece em contribuição às práticas pedagógicas, de modo a construir um aprendizado dialógico e significativo para os alunos. A primeira proposta centra força no trabalho com as características de cada suporte midiático, os traços tipificadores das mensagens, além dos contextos de produção e de leitura dos textos noticiosos (ZANCHETTA, 2012).

Na segunda proposta, o foco reside na apropriação da linguagem das mídias, para a consequente produção de conteúdos noticiosos, de modo a gerar um ecossistema comunicacional (SOARES, 1999, 2012). Seria a construção em sala de aula de ambientes que reconstruam o processo de ensino-aprendizagem de forma horizontalizada, com relações não-autoritárias entre alunos, professores, escola e mídia.

No Brasil, não há um consenso em relação ao modo mais adequado para a abordagem das mídias nos espaços formais de educação. Pesquisadores divergem inclusive sobre o termo que daria conta dessa tarefa: mídia-educação, educação para a mídia, leitura da mídia na escola, educomunicação, literacia em mídia [Soares (1999); Belloni (2001); Zanchetta

(2012)]. Organizações não governamentais também têm se dedicado ao tema como a própria Unesco no Brasil, a MídiaTiva, o Intervozes, a ONG Viração. O tema também é foco de universidades públicas em Santa Catarina, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro.

O Núcleo de Comunicação e Educação da USP atua tanto na produção de conhecimento no campo da Comunicação e Educação, quanto na articulação para que a educomunicação seja assumida como política pública, a exemplo do que ocorreu na cidade de São Paulo, com a Lei n. 13.941, de 2004. O núcleo também foi o responsável pela criação do curso de licenciatura em Educomunicação, em 2011. Destacamos que antes ainda, em 2010, a Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, iniciou o curso de bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Educomunicação (ALMEIDA, 2012).

Uma tentativa de formação do professor nessa área, de iniciativa do governo federal, é o curso oferecido pelo MEC à distância, o “Mídias na Educação”. Criado em 2006, o curso é de extensão ou especialização, dependendo da carga horária cursada pelo aluno, 160 horas e 360 horas, respectivamente, e divide-se em básico, intermediário e avançado.

Como podemos notar, são iniciativas importantes, porém ainda dispersas. As transformações serão sentidas na medida em que a preocupação com a leitura das mídias na escola for incorporada à formação inicial dos professores, fazendo parte do fluxo de políticas públicas e privadas na área da educação e também na comunicação.

Contribuições epistemológicas e metódicas

Ainda que não haja um consenso sobre a abordagem mais eficiente do ponto de vista da geração de conhecimento, a partir do trabalho com os textos midiáticos em espaços formais de educação, pesquisas circunscritas na interface comunicação e educação devem se pautar por uma postura epistemológica e metódica que busque o diálogo e a abertura para o repertório do outro.

Lopes (2003) nos lembra que toda pesquisa precisa ser pensada como estrutura e processo. Estrutura, enquanto se organiza como discurso científico, articulado em quatro instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Processo, pois se realiza como prática científica, dividida nas seguintes fases: definição do objeto de pesquisa, a observação, a descrição e a interpretação.

A instância epistemológica perpassa todas as fases da pesquisa e tem como função a vigilância crítica do trabalho científico, o que implica uma permanente autocorreção. Conforme Bourdieu, “deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências

ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável” (1999).

Contribuições dos autores daquele que ficou conhecido como o Círculo de Bakhtin apontam caminhos férteis nesse sentido. O trabalho com a mídia precisa ser considerado dentro da perspectiva dos símbolos ideológicos. As palavras por si só são produtos ideológicos. Bem como o conteúdo das notícias, a forma como são dispostas na página de um jornal ou como são lidas com cadência e entonação específicas em um telejornal, por exemplo. "Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo" {BAKHTIN (VOLOSHINOV), 2010, p.31}.

Na medida em que essa camada de significados é desvelada por um leitor de notícias, mais empoderado ele está para se posicionar. Apropriando-se das palavras em circulação e sensibilizado para observar o contexto de produção das mensagens da mídia, o leitor enxerga com mais clareza as condições sob as quais ele mesmo está submetido e assim pode provocar mudanças.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem-formados, {BAKHTIN (VOLOSHINOV), 2010, p.42}.

Claro está que as mensagens midiáticas não geram uma reação imediata, de natureza puramente determinista. O texto sofre incontáveis mediações nos diferentes contextos por onde circula esse leitor. Desse emaranhado de vozes nasce a voz da consciência individual. Isso porque, para Voloshinov, até mesmo o psiquismo subjetivo é produto das condições do meio social. Ele passa pelo filtro da consciência, que também é construída socialmente.

todo signo ideológico exterior, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência. Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada do contexto interior, {BAKHTIN (VOLOSHINOV), 2010, p.58}.

A instância epistemológica também impõe a construção do objeto científico, que é feita a partir de uma objetivação, incluindo desde o recorte que se dará aos fatos até os métodos e técnicas que serão usados para conhecimento do objeto. Bordieu (1997) critica os

tradicionais escritos metodológicos que prescrevem como devem ser os métodos de pesquisa, uma tentativa de impor o rigor metodológico das disciplinas científicas. Pontua que o mais importante é o respeito ao objeto de pesquisa. Lembra-nos que a relação da pesquisa é uma relação social, não neutra, pois exerce efeitos nos resultados obtidos. A postura do pesquisador tem de considerar os efeitos inevitáveis das perguntas que faz. Portanto é preciso ter consciência dos atos que fazem uma construção e afetam os sentidos dela. A inocência epistemológica é uma idealização positivista inalcançável.

O reconhecimento do outro como constituição de quem sou é outra contribuição seminal do círculo de Bakhtin para a construção de uma pesquisa. "Não há linguagem sem que haja um outro a quem eu falo e que é ele próprio falante/respondente; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse", (AMORIM, 2004, p. 97). Bakhtin pontua que toda a escrita é uma resposta a alguém sobre algo.

A escrita dialógica, que leva em consideração as situações discursivas e as condições da enunciação, é uma tendência recente no desenvolvimento de pesquisas. São o diário, o relato, o caderno de notas da estrada e a história de vida. "Uma escrita crítica deve revelar não somente o contexto de enunciação em que esse texto se produziu, mas também a presença do olhar teórico através do qual fatos e descrições podem emergir de um determinado contexto", (AMORIM, 2004, p. 94).

Dentro dessa perspectiva, é essencial reconhecer e escutar a voz do outro. O pesquisador precisa levar em conta as condições de enunciação durante a coleta de dados, e posteriormente, na interpretação dessas informações. "A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação", {BAKHTIN (VOLOSHINOV), 2010, p. 117)}. De onde falam os interlocutores da pesquisa, quais influências recebem, quais são as principais mediações que sofrem na construção do próprio discurso são elementos-chave que não podem escapar ao olhar do sujeito pesquisador. Esse exercício deve ser assumido também em relação à postura do próprio pesquisador. "Quando alguém se enuncia como locutor, ele se mostra e fala também, necessariamente, de si próprio, pois é precisamente ao dirigir a palavra a alguém que se exprime e reafirma subjetividade", (AMORIM, 2004, p. 102). Tal perspectiva visa ao texto polifônico ou dialógico, aquele que inclui o outro no interior do discurso. É quando há o reconhecimento de que as vozes dos outros se misturam com o sujeito do enunciado.

Cabe ao pesquisador reconhecer as estruturais sociais sobre as quais se assenta a relação com o pesquisado e assim tentar evitar distorções, admitindo que certas informações tendem a ser censuradas enquanto outras são acentuadas. A dissimetria social nessa relação pode levar a uma situação de violência simbólica por parte do pesquisador. Quanto maiores a proximidade social e a familiaridade com o tema, menores são os efeitos dessa violência. Na pesquisa que culminou na obra "A Miséria do Mundo", Bordieu e os demais autores buscaram uma relação que ele define como de "escuta ativa e metódica" (BORDIEU, 1997, p. 695), que foge ao que ele critica de "pura não-intervenção" da entrevista não dirigida e do dirigismo do questionário.

ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria (BORDIEU, 1997, p. 695).

A abordagem inclui certas premissas como a garantia ao entrevistado de que o entrevistador não vai reduzir as razões subjetivas dele a causas objetivas. É preciso considerar que ao objetivar seu entrevistado, o entrevistador objetiva a si mesmo. Uma interpretação correta do enunciado implica a leitura de sinais não verbais somados aos verbais.

No campo da metodologia, a pesquisa, principalmente na área de ciências humanas, oscila entre a experiência individual e singular do sujeito que vai a campo e o plural do "nós", representado na teoria universalizante. Embora pareça que assim a pesquisa caminhe para uma síntese subjetiva, o trabalho deve se pautar por uma pretensão de objetividade.

A tarefa do autor pesquisador não é nem a de confessar nem a de historiar. A instabilidade do objeto polifônico é função do sistema de alteridades que se instaura no texto. Confrontar-se com a palavra estrangeira que está sempre lá mas que às vezes tentamos evitar, dar-lhe voz e presença, permitir que essa palavra outra refrate a nossa, tal seria a arte dialógica (AMORIM, 2004, p. 128).

São as escutas abertas ao longo da pesquisa para que a voz do outro se faça ouvir e refrate na voz do próprio pesquisador. Bakhtin contrapõe a concepção de verdade universal ao singular. A primeira está no mundo da cultura, do social, feito das relações entre identidades. A segunda está no subjetivo, no mundo da vida vivida, não oficial. São dois mundos incomunicáveis. Mas o filósofo posiciona-se e fala da necessidade de se viver a

partir de si mesmo, de seu lugar único e singular, de onde é impossível ser indiferente ao outro.

Bourdieu assevera a necessidade de o pesquisador se colocar no lugar do pesquisado, mas não como uma projeção de si próprio no outro, mas em um exercício de compreensão do que o outro é, fundamentado nas condições sociais que definem o pesquisado dentro da categoria à qual ele pertence e nos condicionamentos psíquicos, associados à trajetória que ele construiu em seu meio social. "(...) entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência", (BORDIEU, 1997, p. 701). Uma postura que requer uma conversão intelectual. Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização (BORDIEU, 1997, p. 704).

Numa entrevista em uma escola por exemplo, onde alunos conversam de maneira espontânea, é preciso saber ler o que dizem suas palavras, dentro das relações objetivas que estabelecem entre eles, entre a estrutura do estabelecimento escolar o qual frequentam, além da estrutura e da história do sistema de ensino que se exprimem naquele diálogo. São o que Bourdieu (1997) chama de estruturas invisíveis que perpassam o espaço social onde se situam os sujeitos, que, embora tenham trajetórias diferentes, são orientados por sua visão do passado e do futuro escolares.

Referências bibliográficas

AMORIM, M. Enunciado científico e polifonia do texto. In: AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004, 139-207.

ALMEIDA, L. B. C. de. **Formação do professor do ensino básico para a educação para a mídia: avaliação de um protótipo de currículo**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BELLONI, M. L. (Org.). **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

- BORDIEU, P. "Compreender" in **A Miséria do Mundo** (coord.) Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997.
- _____, P. In **Escritos da Educação**; org. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____, P. et al. **O ofício de sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CITELLI, A. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3 ed. São Paulo, Senac. 2004.
- _____. "Educação e mudanças: novos modos de conhecer". In: CITELLI, Adilson (Org.). **Outras linguagens na escola**. São Paulo, Cortez, 2002.
- _____. "No discurso do livro didático". In: **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Ática, 1999.
- _____. **Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes**. Comunicação e Educação (USP), v. 1, p. 15-26, 2010.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LOPES, M. I.V. de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, J. Heredando el futuro. "Pensar la educación desde la comunicación". **Revista Nómadas**. Santafé de Bogotá, n. 5, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. e GERMAN, Rey. **Os exercícios do ver**. São Paulo, Senac, 2001.
- NEGROPONTE, N. **A vida digital**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SOARES, I. de O. *Comunicação/Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Contato, Brasília, v. 1, n. 1, jan/mar; 1999.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação (livro eletrônico): o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo, Paulinas, 2012.
- SODRÉ, M. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. "Sobre a episteme comunicacional". **Revista Matrizes**, nº1, outubro de 2007.
- ZANCHETTA JR, J. "Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil". In **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1455-1475, set./dez. 2007.
- _____. "Políticas educacionais e mídia no Brasil: apontamentos sobre o quadro atual". *Revista Resgate*, n.22, v.19, 2012.
- _____. **Como usar a internet na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

Site consultado:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681>; acessado em 03/12/14